

SISTEMAS DE MEDIAÇÃO, ELEMENTOS CONSTRUTIVOS E ESPACIAIS

O exemplo da Arquitetura das casas monásticas femininas de clausura

LÍGIA NUNES

Universidade Lusófona do Porto

ligia.nunes@ulp.pt

Resumo: A Arquitetura monástica feminina, pode caracterizar-se como um sistema, cuja função primordial é mediar a relação entre o interior e o exterior da cerca do Mosteiro.

Do ponto de vista da solução arquitetónica e na sua abordagem construtiva, mais interessante que refletir sobre os sistemas construtivos que asseguraram a estabilidade destas estruturas ou sobre a natureza dos materiais que lhes dão forma, será compreender que existem outros elementos de natureza construtiva, assim como espacial que em si mesmo definem o conceito de casa feminina de clausura, por garantirem a efetiva separação entre os dois mundos, o de dentro e o de fora.

Abstract: Female monastic architecture can be characterized as a system with the primary function of mediating the relationship between the inside and outside of the monastery fence. From the standpoint of the resulting architectural solutions and its construction, equally interesting to the technical building systems that ensure the stability of this structures or the nature of the materials that constitute them are the specific constructive and spatial elements which define and embody the concept of enclosure and exclusion by ensuring strict separation between the “inner world” and the “outer world”

Palavras-chave: Arquitetura, Monástica, Mediação, Separação.

Keywords: Architecture, Monastic, Mediation, Separation

Introdução

Os conceitos arquitetônicos, estruturam-se através da sistematização da organização dos espaços e da matéria que os modela.

Poder-se-ia ilustrar um desses sistemas, com o exemplo da solução arquitetônica de um mosteiro feminino, que através da concordância de elementos espaciais e elementos construtivos, se manifesta como uma estrutura construída para separar os corpos e os seus sexos, surgindo como uma autêntica fortaleza, no sentido de demover o contacto com a comunidade religiosa aí recolhida. A separação desejava-se absoluta, sem permitir a proximidade física ou visual.

A arquitetura dos mosteiros femininos de clausura promove a distinção entre comunidades e explora a diferença de género. A necessidade da rigorosa observância da clausura, determina as características destes edifícios, pela necessidade da existência de elementos construtivos e espaciais que fazem a mediação entre os dois mundos.

O conjunto caracteriza-se por uma construção robusta, sóbria, de muros cegos até à altura que o olhar consegue alcançar, com poucos vão gradeados por fora e por dentro, que não deixa perceber onde acaba a área edificada e começa a cerca do mosteiro.

A cerca surge como uma membrana contínua, cega, que se desenvolve sem grandes variações, á exceção da tímida diferença da igreja de fachada simples que se divide em dois ou três corpos, rasgada na sua parte superior por alguns vãos, enquanto na zona inferior se abre exclusivamente a porta de acesso ao templo.

Contrariam a horizontalidade do conjunto, apenas os mirantes, dos quais as religiosas viam sem ser vistas, elevando-se como sinal exterior inequívoco do seu poder.

Será portanto ao longo da cerca que surgem a maioria dos momentos de mediação entre o exterior e a clausura, que se pode comparar ao muro⁹ (CHEVALIER, 1994:463), tradicionalmente entendido como um elemento de proteção que encerra um mundo e evita que nele penetrem as influências indesejadas.

Todos os momentos de “passagem” controlados entre as duas realidades, seja através de incisões no seu “pano”, seja nas bolsas criadas pela dilatação da membrana

⁹ Simbolicamente ligado á ideia da separação, surge nos mosteiros também como simbolismo cristão, que tendo como significado mais fundamental a separação, a comunicação cortada, oferece também a dupla incidência psicológica, simultaneamente da segurança e defesa, mas também do constrangimento ou prisão, refletindo mais uma vez o seu entendimento também como um elemento feminino.

contínua, desenvolvem uma sequência de espaços sífão, que filtram o contacto entre o mundo de dentro e o mundo de fora.

Elementos construtivos e elementos espaciais de mediação

A fronteira entre o interior e o exterior do mosteiro funciona como uma pele contínua ao longo da qual surgem momentos de alguma permeabilidade controlada, física e espacial.

Esta barreira, de duas caras, separa os dois mundos e é interrompida em um ou outro ponto, para permitir a inevitável relação entre ambos, embora sempre de forma vigiada.

Nesses momentos as suas duas faces descolam-se, para que a exterior possa fazer frente aos “perigos” de fora e a de dentro se dilate de forma a criar bolsas amortecedoras, onde se processará espacialmente o primeiro nível de transição entre o exterior do mosteiro e a clausura. Essa mediação é reforçada por elementos construtivos aplicados em ambas as faces que esse espaço separa, seja no lado da rua, seja para a clausura, promovendo uma transição gradativa entre o exterior e o interior.

Os momentos de interrupção da “face” exterior acontecem através das portas do mosteiro, que dão acesso a espaços de transição ou mediação que se separam da clausura por elementos construtivos que reforçam a “segurança” do acesso ao seu interior. Na clausura, já do lado de dentro dos elementos construtivos de mediação, em forma de muros munidos de grades e rodas, surgem espaços-espelho interiores á membrana, que garantem espacialmente a separação entre os dois mundos com a função do espaço exterior, mas de uso exclusivo da comunidade religiosa.

A separação física, entre o exterior e o interior do mosteiro é conseguida por mecanismos espaciais e construtivos, aplicados de forma a obter uma separação efetiva através da sucessiva aplicação de elementos de mediação, ora espaciais ora construtivos que de forma gradativa, garantem a estrita divisão entre as duas realidades; o que acontece através da duplicação destes elementos, verificando-se unidades espaciais duplas separadas por elementos construtivos, eles próprios duplos.

Estes mecanismos caracterizam-se pela sua dualidade, já de si simbolicamente associada ao elemento feminino, que se confrontam com a unilateralidade da comunicação estabelecida entre o interior e o exterior do mosteiro. O interior e o exterior não se tocam. Os de fora entram, mas as religiosas não saem; as freiras veem para fora sem serem vistas.

Os locais onde se interrompe com maior expressão esta continuidade são as portas, cuja intensidade se acentua pela ausência quase total de vãos até à sua altura, estabelecendo estas a verdadeira transição entre a cidade e o mosteiro.

As portas conhecem intensidades diferentes de acordo com o carácter mais ou menos público do espaço, a que através destas se pode aceder. Neste sentido existe uma gradação evidente entre a entrada da igreja, da portaria e de outras ao longo da cerca.

A diferença de intensidade, entre o carácter mais ou menos restrito, de acesso ao mosteiro é notória através do tratamento dos próprios vãos, sendo a porta da igreja geralmente, mais apelativa que a da portaria, que também é cuidada mas apresenta menor impacto visual que a da igreja. Dadas as regras do mundo de dentro, de todas as portas por definição a única que se deve na realidade fazer notar é a da igreja; quando existem mais portas para além destas, são vãos simples, correspondentes a acessos de serviço, entre as quais se encontram as comuns “portas de carros”, ou das sacristias.

O facto da porta da igreja ter direito a maior destaque, resulta do facto deste espaço, não pertencer ao interior do mosteiro, mas funcionar como espaço “diódo” entre a comunidade em geral e a comunidade religiosa.

Assim após a passagem dos rasgos na face exterior do muro, surge a sua espessura, materializada através de espaços que funcionam como câmaras de descompressão entre atmosferas diferentes. Nestas bolhas acontecem espaços como a nave da igreja e a portaria, os dois grandes momentos de mediação espacial, entre a clausura e o exterior.

À igreja, à qual afluí a comunidade dos fiéis, vem também a comunidade do mosteiro, encontram-se no mesmo edifício, embora estejam fisicamente separadas. Em alguns momentos as duas comunidades coexistem, mas não comunicam e para que se verifique com rigor esse preceito, buscaram-se na separação entre a nave e o coro soluções de grande opacidade.

Desta forma as igrejas¹⁰ são por si só um espaço de mediação, com os seus respetivos elementos de passagem entre as duas realidades.

¹⁰ Pode-se assim dizer que dentro da igreja do mosteiro, existem duas igrejas, convencionalmente designadas de *igreja de fora*, da comunidade em geral, que comunica diretamente para a rua e a *igreja de dentro*, da comunidade religiosa, que comunica única e exclusivamente com a clausura.

Estes dois espaços estão habitualmente separados através de grades, o espaço de fora é público e o espaço de dentro recebe habitualmente a designação de coro.

Quanto à relação entre a comunidade e a comunidade religiosa é mediada por um elemento construtivo muito presente nas clausuras, a grade do coro, normalmente também dupla, ou seja com um pano na face interior do coro e outro na face interior da igreja, afastados o necessário (usualmente a espessura da parede) para que um braço esticado não atingisse a outra face, algumas vezes auxiliadas por elementos como bicos ou espinhos que demoviam a aproximação de qualquer um (caso a espessura da parede não fosse suficiente)

Junto á capela-mor, a sacristia medeia a relação das religiosas com o pastor que as assiste espiritualmente, que mais uma vez apresenta dois espaços, cada um na sua esfera, em torno de uma charneira, que simultaneamente os duplica e divide. Na restante área de extensão das paredes medianeiras entre a igreja e a clausura, surgem ainda os confessionários, que se localizam ou na parede fronteira ao claustro ou mesmo junto das grades do coro baixo.

Á semelhança da separação existente entre a nave da igreja e os espaços em seu redor, a portaria, é um compartimento também ele com um lado de fora, ou uma área de transição de entrada do mosteiro e outro de dentro que comunicava diretamente com a clausura. Junto á portaria ou em área contígua, estavam os parlatórios ou locutórios, que como o nome indica eram espaços que permitiam ás religiosas falarem com pessoas do mundo de fora, também estes separados por grades, entre as quais, antigamente eventualmente correria um pano, como nos coros da igreja. Nas imediações podia existir também a casa da roda, ou rodas, que como elemento construído dentro das paredes, inviabilizavam qualquer contacto físico ou visual, através das quais se comunicava apenas indiretamente com o exterior e que podiam estar colocadas, na portaria, nos parlatórios, nas sacristias, ou mesmo na igreja.

Os elementos construtivos como as grades ou as rodas, eram utilizados não apenas para obrigar o afastamento físico, mas também para obrigar a um certo distanciamento que não permitisse o contacto visual, de forma a obrigar a uma distância tal que não permitisse atingir alguns ângulos de visão do exterior para o interior e vice-versa.

Para possibilitar a coexistência dos dois mundos nos espaços de fronteira do mosteiro, estes eram duplicados, surgindo dentro do mesmo espaço, um espaço dito de fora, ou das pessoas vindas do exterior do mosteiro e um espaço de dentro, reservado á comunidade religiosa em clausura. Esta divisão faz-se através da utilização de elementos construtivos, que separam os corpos, embora permitam a perceção mais ou menos ténue da sua coexistência.

Os elementos espaciais, surgem como “dilatadores” da área de mediação e os elementos construtivos fazem na realidade a transição entre os elementos espaciais de mediação e a clausura, servindo como charneira entre espaços de transição.

Se bem que hoje já não se conseguiam ver, existem relatos de mosteiros que para além das grades e dos bicos, utilizavam entre as grades panos escuros, usualmente pretos, para que para além das freiras não poderem tocar em ninguém, nem serem tocadas, também não pudessem ver ninguém, nem ser vistas. Para além desses relatos, encontramos também regras de mosteiros que o impõem.

Muitos destes elementos construtivos funcionam como duplicadores ou espelhos de espaços com designações semelhantes, mas pertencentes a mundos diferentes, com acontece na igreja, na sacristia, nos confessionários e nos parlatórios. Todos têm o seu lado interior e exterior e todos estão divididos ou “dobrados” sobre um elemento construtivo, por sua vez já duplicado e contendo outros espaços, ganhos na espessura das paredes.

Os elementos de mediação representam as características arquitetónicas espaciais e construtivas mais específicas da clausura, consequência de um tipo de vida no feminino.

Distinguem-se assim elementos espaciais de elementos construtivos de mediação, (na constituição do sistema mosteiro), cuja análise é essencial para entender os fenómenos de mediação entre os dois mundos e a forma como se materializam arquitetonicamente.

Elementos construtivos de mediação

Os elementos construtivos de transição são de várias ordens. Num primeiro plano surge o de maior expressão, a cerca; para poder trespassá-la acontecem as portas, que rasgam o primeiro pano da capa que envolve o mosteiro. Ainda ao longo da cerca, aparecem as janelas, que embora ocorram na extensão da cerca, não tem um desempenho de primeira ordem, razão pela qual, não se lhes atribuirá uma importância semelhante.

Num segundo plano, após cruzar os vários espaços de mediação aos que pode aceder, surgem elementos construtivos com um carácter diferente, dos quais se destacam as grades e as rodas. Sendo que as grades e as rodas não são específicos deste plano, dado que existem em outros planos secundários, onde se podem encontrar grades, como é o caso dos vãos das janelas.

Por toda a fronteira de contacto direto ou indireto com o exterior do mosteiro, surgem elementos construtivos, que contêm e separam os espaços que duplicam, garantindo que a clausura, não conheça qualquer tipo de “violação”.

De muros, a malhas férreas pesadas e rodas de madeira, todos se encontram ao longo da “capa” que relembra constantemente a divisão entre os dois mundos.

Elementos espaciais de mediação

Os espaços por excelência de transição entre o exterior e a clausura, são a igreja e a portaria, em redor dos quais gravitam outros que apoiam a real separação entre os dois mundos, como as sacristias e os confessionários, em volta da igreja, e os locutórios ou

parlatórios, em torno da portaria. De todos eles existe uma versão de fora e uma versão de dentro, assistindo-se assim a uma duplicação dos espaços fronteiros entre as duas realidades.

No caso da igreja e dos espaços que lhe são contíguos verifica-se que a própria igreja se duplica através da divisão em igreja de fora, ou dos fiéis e igreja de dentro, que vulgarmente se conhece como coro; e que todos os espaços que surgem na fronteira entre a igreja e o interior da clausura, são resultado do mesmo fenómeno, como se constata nas sacristias e nos confessionários.

Uma referência especial aos elementos espaciais de transição, associados á igreja, no que se refere aos mirantes, que se desenvolveram na vertical, associados aos coros.

No caso da portaria, existe também uma portaria de fora, a que acediam os visitantes e uma portaria de dentro, á qual acediam as religiosas. Da portaria de fora, tinha-se também acesso ao locutório de fora. Ainda nas imediações das portarias e dos locutórios, surge um espaço designado de casa da roda, onde se colocavam os objetos que no locutório, não se conseguiam passar.

Elementos construtivos de mediação

Os elementos construtivos de transição são de varias ordens e surgem em vários níveis. O de maior visibilidade e expressão é a cerca, ao longo da qual na realidade surgem todos os demais.

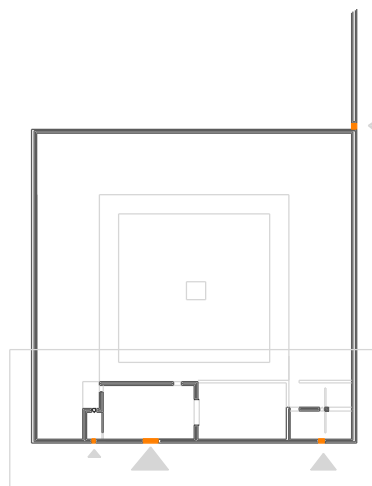


Figura1 – Portas. Hierarquia de entradas

Ainda num primeiro plano de acesso ao mosteiro sobressaem as portas, que permitem penetrar o grande muro da cerca e aceder aos espaços de transição entre o exterior do mosteiro e a clausura.

Já no interior, de menor visibilidade, mas não de menor importância, surgem elementos construtivos que ao contrário de permitir a passagem, como aconteceu na primeira face do muro, com as portas, sublinham a separação entre os espaços de mediação e o interior da clausura. Estes elementos têm por isso um carácter diferente, sendo os mais comuns, as grades e as rodas, que garantem o encerramento da comunidade, assim como impedem a entrada na clausura.

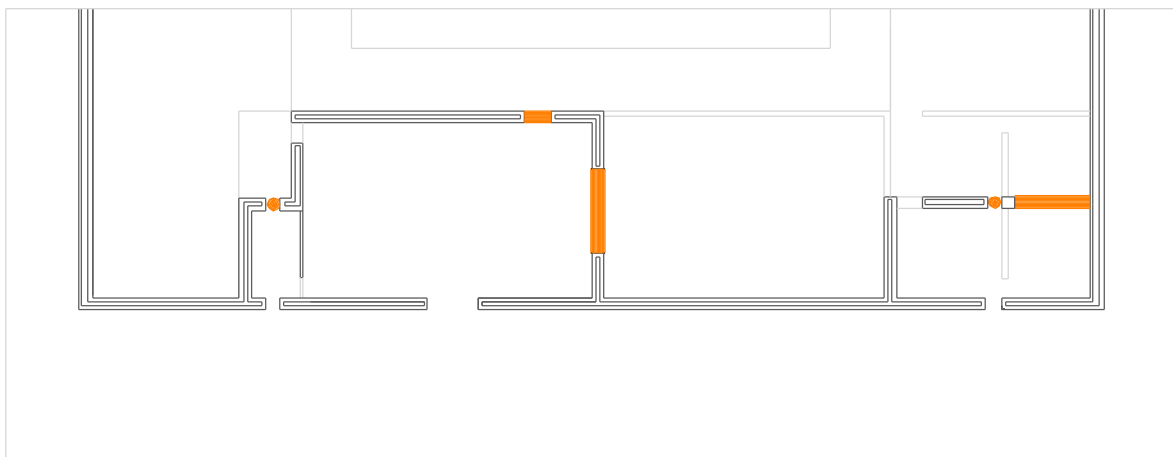


Figura 2 - Rodas e grades, elementos construtivos de transição

Cerca

A cerca do mosteiro é o elemento construtivo fundamental para a separação dos mundos que se encontram em cada uma das suas faces. Vista pelo exterior é praticamente impercetível a forma como se desenvolvem os edifícios, que acolhem as varias dependências necessárias á vida monástica, uma vez que a cerca quase que se esbate com as fachadas dos restantes corpos.

Surgem no entanto momentos de alguma agitação no correr da cerca dos mosteiros, que são marcados em particular pela presença da fachada da igreja e respetiva entrada e pelos mirantes que acabam por contrariar o desejo de sobriedade das casas monásticas de clausura, por marcarem a sua localização e presença nas cidades.

Na portaria o pano da cerca sofre também alguma animação, pela visibilidade da sua porta, que ainda que cuidada não adquire a importância da porta da igreja.

Ao longo da cerca e em particular no troço referente á fachada da igreja, encontram-se a maioria dos sinais que se transformaram na especificidade dos mosteiros femininos, entre eles encontramos as fachadas laterais, que associadas aos mirantes constroem a identidade dos mosteiros femininos de clausura, e se distinguem do resto da cerca.

Este é o elemento, que suporta todos os outros elementos de transição entre a rua e o mosteiro, como as portas, as janelas ou mesmo os mirantes, que mais não fazem que permitir que os dois lados possam coexistir, sem se tocarem. Na sua “espessura” surgem os espaços que medeiam a relação entre as duas realidades, como a igreja, a sacristia, os confessionários, a portaria e os locutórios. E é a sua face de dentro, que serve de “espelho” ou charneira, entre os espaços de transição de fora e os espaços de transição de dentro.



Figuras 3 a 9 - Cerca do Mosteiro de N. Sra. da Graça Torráo e pormenores da fachada da igreja.

Portas

A porta¹¹ representa a ideia contrária de muro, um elemento construtivo fundamental para a transição entre exterior e o interior, através do qual passam os corpos e se faz a passagem entre os dois mundos, rompendo a barreira que os divide.

Os vários tipos de portas, adquirem características distintas em relação à sua função no conjunto e ao grau de passagem que lhes esta associada, sendo de três tipos, correspondentes ao acesso a vários tipos de espaço de transição, de afluência distinta.

A porta de maior visibilidade, dá acesso ao espaço de maior afluência - a porta da igreja - embora a que dá na realidade acesso ao mosteiro é porta da portaria, que apresenta também um tratamento especial, se bem que não é cuidada como á porta da igreja, de acordo com a importância no conjunto. Existem outras portas de menor visibilidade, usualmente de serviço, entre estas está a porta dos carros e a porta da sacristia.

As portas para além de dispositivos de mediação de grande relevância, representam o momento através do qual se promove a transição entre o exterior do mosteiro e os espaços que filtram o contacto com o seu interior.



Figura10 - Porta da igreja do Mosteiro de N. Sra. das Misericórdias, Caminha. Figura 11 - Porta da igreja do Mosteiro de S. Clara, Bragança Figura 12 - Porta da portaria do Mosteiro de S. Clara,

¹¹ Nesse sentido pode mais uma vez ser vista como um símbolo feminino.

Guimarães. Figura 13 - Portas da igreja e da portaria do Mosteiro de Desagravo, Vila Pouca da Beira. Figura 14 - Porta da igreja do Mosteiro da Madre de Deus, Lisboa. Figura 15 - Porta do Mosteiro de N. Sra. da Assunção, Faro.

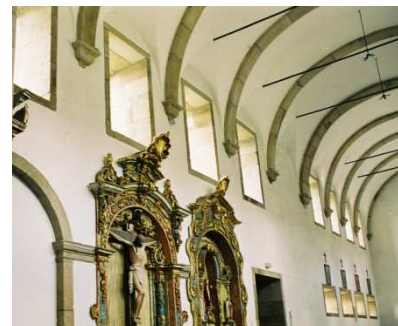
Janelas

As janelas têm um papel secundário, no que respeita á mediação entre o interior e o exterior do mosteiro. Ao contrário de outros elementos construtivos as janelas permitem apenas uma comunicação visual, uma vez que a altura a que são aplicadas inviabilizam desde logo o contacto físico.

Enquanto a cerca pode estabelecer uma relação entre o interior e o exterior e as portas permitem a passagem entre o interior e o exterior dos vários espaços de transição do mosteiro, as janelas permitem apenas a relação visual e unilateral, de dentro para fora.

As janelas assemelham-se mais aos elementos construtivos de mediação de segunda ordem que medeiam os elementos espaciais de transição, que na realidade dos elementos construtivos de primeira ordem em contacto direto com a rua ou o exterior, tem características construtivas semelhantes aos vãos entre os espaços de mediação de fora e os espaços de mediação de dentro que se encontram na igreja (entre a nave e o coro), no parlatório (entre o parlatório de dentro e o parlatório de fora), na sacristia (entre a sacristia de dentro e a sacristia de fora) nos confessionários (entre o espaço de dentro, na clausura e o de fora, na nave da igreja ou na sacristia) etc., que na realidade são janelas de dupla face, reforçadas de dupla grade. A diferença entre as janelas e todos estes vãos reside no tipo de comunicação que as janelas permitem com o exterior.

Das janelas dos mosteiros, tal como dos mirantes, as freiras podiam ver para fora sem ser vistas. Nos compartimentos junto ao nível da rua eram colocadas muito acima do nível de soleira, para permitir a entrada de luz e a passagem do ar, mas em altura que não permitisse ver para fora, dai fazerem parte da imagem de inacessibilidade do mosteiro.





Figuras 16 e 17 - Janelas da igreja do Mosteiro da Madre de Deus de Barrô, em Resende.
 Figura18 - Janelas do corpo do dormitório do de Santa Clara a Nova de Coimbra.

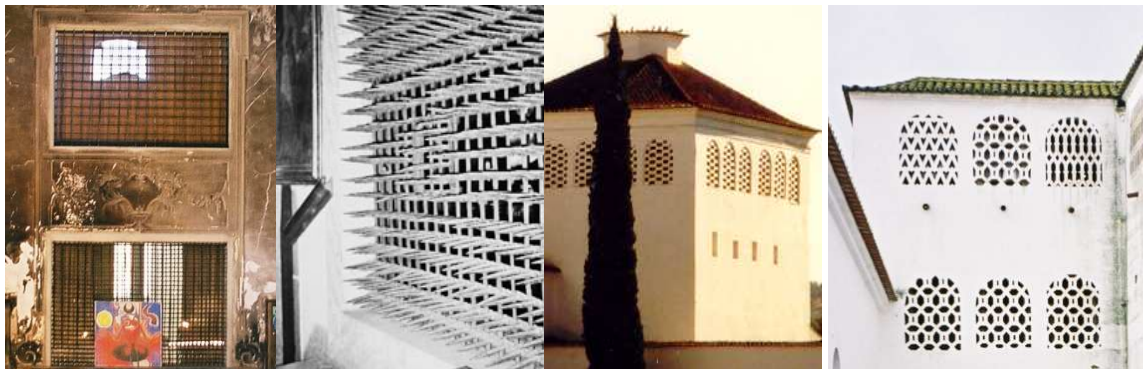
Grades

As grades estão presentes nas clausuras para estabelecer a separação que ficou comprometida, através das interrupções necessárias para a comunicação entre o interior e o exterior do mosteiro. Existem em todos os vãos, á exceção das portas, uma vez que por estas é necessário passarem os corpos.

A utilização da grade afasta os corpos e por conseguinte o seu contacto. A colocação de grades de ambos os lados da espessura da parede oferecia essa garantia.

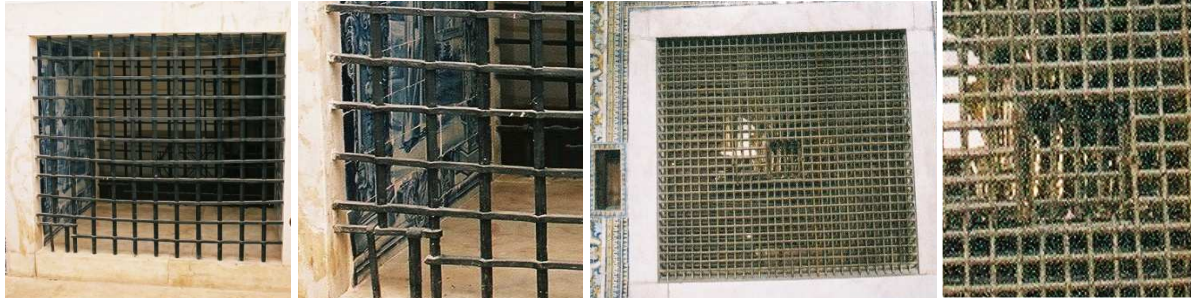
As grades para além de servirem de filtro entre os dois mundos, facilitavam também um relacionamento seguro entre ambos. Por essa razão serviram muitas vezes para garantir a comunicação, que não se conseguia através de mais nenhum elemento construtivo do mosteiro. Dessa forma se distinguem, grades do coro, de grades dos parlatórios, de grades dos mirantes etc.

As grades do coro, fundamentalmente a do coro de baixo, tiveram outros usos como a passagem da comunhão, apresentando para esse efeito pequenas aberturas. Estas absorveram funções ou sofreram adaptações pela ausência de outros dispositivos de comunicação, como foi o caso dos orifícios gradeados laterais, através do qual o sacerdote confessava a comunidade na ausência de outro local para o efeito.



Grades entre a **igreja** e o **coro** - S. Clara de Portalegre (figura19) e S. Helena do Calvário Évora (figura 20).

Grades dos vãos dos **mirantes** - Mosteiro da Chagas. Vila Viçosa (figura 21) e S. Clara de Évora (figura 22).



Grades dos **parlatórios** - Mosteiro das Chagas em Vila Viçosa (figuras 23 e 24).

Grades confessionalário **comungatório** - Mosteiro do Salvador de Évora (figuras 25 e 26).

Rodas

A roda é um engenho de madeira, colocado na espessura das paredes, que permite a opacidade total, física e visual e tem como finalidade a passagem de pequenos objetos entre a clausura e o exterior, comprometendo inclusivamente a passagem do som, e é um dos elementos mais reconhecidos dos mosteiros femininos de clausura.

Estes dispositivos surgiam associadas às grades, onde se estabelecia contacto com o exterior. A sua localização mais comum era na área da portaria, onde acediam aqueles que necessitavam contactar a comunidade e onde se tornam necessários elementos para mediar a comunicação.

Contíguos á portaria estavam os parlatórios, onde se encontravam os dois mundos á distância da espessura dum muro, gradeado por ambas as faces e onde se tornava também necessária a presença da roda a par de cada grade, para a eventualidade de ser necessária a passagem de pequenos objetos.

A roda cumpre totalmente o requisito da total ausência de contacto que era obrigatório às comunidades que cumpriam a estrita clausura, contribuindo para o fascínio que o desconhecimento da vida no interior do mosteiro emanava.

Este elemento de mediação entre o mundo de fora e o mundo de dentro assume neste sentido, grande reconhecimento no imaginário de todos, sendo um dos ícones das casas femininas de clausura e dos mistérios que se geraram a seu respeito, que estão presentes na historia local das localidades que receberam estes mosteiros e na literatura e romances de Portugal, como personagens principais de historias de relações misteriosas entre as freiras e os objetos que eram passados através destes tambores mudos.



Figuras 27 a 29 - Rodas na portaria do antigo Real Mosteiro das Chagas de Vila Viçosa.

Elementos espaciais de mediação

Os espaços que fazem a transição entre o exterior e o interior do mosteiro, permitem assegurar a mediação entre as duas realidades, desencadeando em seu redor, outros mecanismos de manutenção do cumprimento da estrita clausura. Entre esses espaços, a igreja e a portaria surgem como espaços primordiais, em torno dos quais gravitam outros que apoiam a real separação entre os dois mundos, como é o caso da sacristia e dos confessionários no caso da igreja e dos locutórios e espaços afins no caso da portaria. Todos estes espaços se duplicam, como se a fronteira que os separa entre o exterior e a clausura se tratasse de um espelho.

A igreja á qual acedem os fieis, tem uma correspondente na clausura, o coro; e ao longo das outras paredes da igreja fronteiras á clausura, assiste-se ao mesmo fenómeno, que ao mesmo tempo que pretende intensificar a separação da igreja da clausura, vai gerindo a organização de outros espaços necessários á mediação interior/exterior que respeitam o mesmo princípio de duplicação espacial, como acontece nas sacristias e nos confessionários.

A portaria, tal como os outros espaços de mediação, duplica-se em espaços interiores e exteriores, entre os quais se encontram os locutórios ou parlatórios e a casa da roda, através dos quais se estabelecia a comunicação entre as religiosas e a comunidade.

Entre os elementos espaciais de transição, ainda a referir os mirantes, que desde o alto dos mosteiros permitiam olhar o mundo de fora, embora lá em cima e por de traz das apertadas malhas de madeira ou tijolo, ninguém conseguisse comunicar, nem mesmo visualmente, razão pela qual não existiu a necessidade de duplicar este espaço.

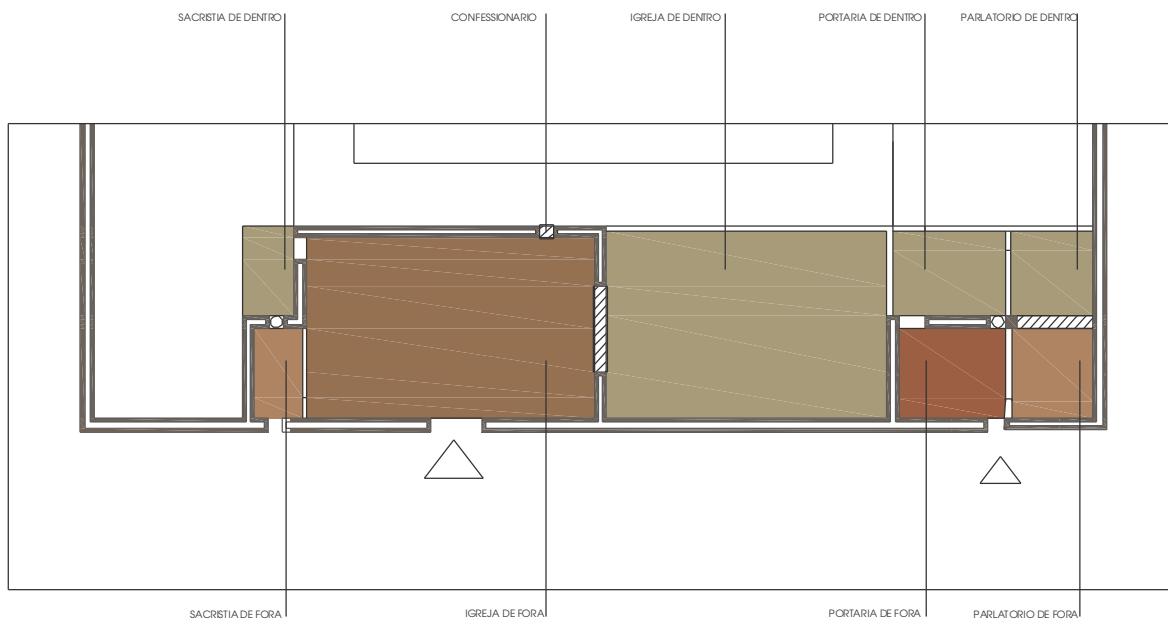


Figura 30 - Duplicação dos espaços de mediação. Igreja, sacristia, portaria e parlatório.

Igreja

Do ponto de vista construtivo, a igreja é o elemento mais sólido. Como é o único espaço a que acedem os de fora, torna-se um importante momento de transição/mediação assim como de grande significado uma vez que ai acontecem as celebrações.

Com a porta numa fachada lateral, as restantes fronteiras, ficam em contacto com a clausura, razão pela qual, essas uniões adquirem uma expressão diferente das restantes do mosteiro, a qual seria apenas comparável a sucessão espacial que acontece nas portarias.

A igreja compreende a um corpo de largura constante, embora com duas realidades espaciais diferentes. A nave compreende á área pública, imediatamente a seguir á capela-mor, sendo a outra ocupada pelo coro (igreja de dentro) destinado á comunidade religiosa, sendo o coro (contíguo á clausura) a duplicação espacial da de fora, promovendo uma separação evidente entre os dois mundos. Nas outras fronteiras entre a nave da igreja e a clausura estabelecem-se soluções semelhantes.

Por traz do presbitério surge a sacristia, um espaço ao qual se pode aceder da rua, da igreja ou da clausura, permitindo o acesso do pároco e das freiras. Dado o possível contacto físico, as soluções aplicadas, tendem a optar pela duplicidade, ou alternância, surgindo espaços duplos, separados por elementos construtivos de mediação, ou utilizados alternadamente por uns ou por outros sem contacto.

A parede oposta á entrada, em contacto com o claustro, adquire uma espessura evidente, isolando a nave da clausura e permitindo soluções, que sublinham essa opacidade através da introdução de mecanismos necessários ao acesso da comunidade de um extremo ao outro da nave, nomeadamente entre o coro e a capela-mor ou sacristia, ou na introdução de confessionários que permitiam a confissão da comunidade diretamente do claustro, em cubículos, também duplos, aos quais o padre acedia do lado da igreja.



Figuras 31 e 32 - Vista do coro da nave e vista da nave do coro - Igreja do Mosteiro de S. Clara - Évora.

Coro

O coro reveste-se de grande significado para a comunidade religiosa e é particularmente relevante no seu quotidiano. Como elemento de mediação espacial, é a igreja da clausura destinada às freiras. O coro continua espacialmente a igreja dos fiéis, mas está separada desta por robustos dispositivos construtivos que garantem o afastamento e recato necessário das religiosas em estrito cumprimento da clausura. Entre esses dispositivos, encontramos, espessas paredes, grades duplas, rodas e postigos. Do coro usualmente se acede ao mirante, que por sua vez medeia também, construtiva e espacialmente a relação com o exterior.

Este espaço funciona como espelho da nave da igreja, duplicando um espaço necessário a ambos os lados, que não pode ser utilizado simultaneamente, dada a necessidade do cumprimento da clausura por parte da comunidade.

Por pertencer á clausura, apresenta grande permeabilidade para o interior da mesma, relaciona-se usualmente com o claustro, o mirante e os dormitórios, e existe uma

permeabilidade muito controlada na sua relação com a igreja, através da introdução dos respetivos dispositivos. Mas são praticamente impermeáveis na sua relação com o exterior, não comunicando com este de forma alguma á exceção da existência pontual de janelas altas que mais não permitem que uma iluminação difusa do espaço e que por sua vez apresentam também generosos gradeamentos. Destas janelas as religiosas, não veem o exterior e não são vistas.

A introdução do coro alto viu-se privilegiada após o Concílio de Trento permitindo que a sobreposição de vários coros, desse uma perspectiva destes, desde a nave da igreja que transmitia a ideia de dois mundos ligados por um filtro, por uma passagem estreita, mas severa, onde a imagem da robustez das suas grades, era quase mais eficaz que a imagem dos próprios muros que as continham.



Vista sobre a nave da igreja do coro alto para a nave da igreja (figuras 33 e 34) e vista da nave da igreja, para os coros alto e baixo da igreja do Mosteiro de Nossa Sra. da Esperança de Vila Viçosa (figura 35).

Confessionários

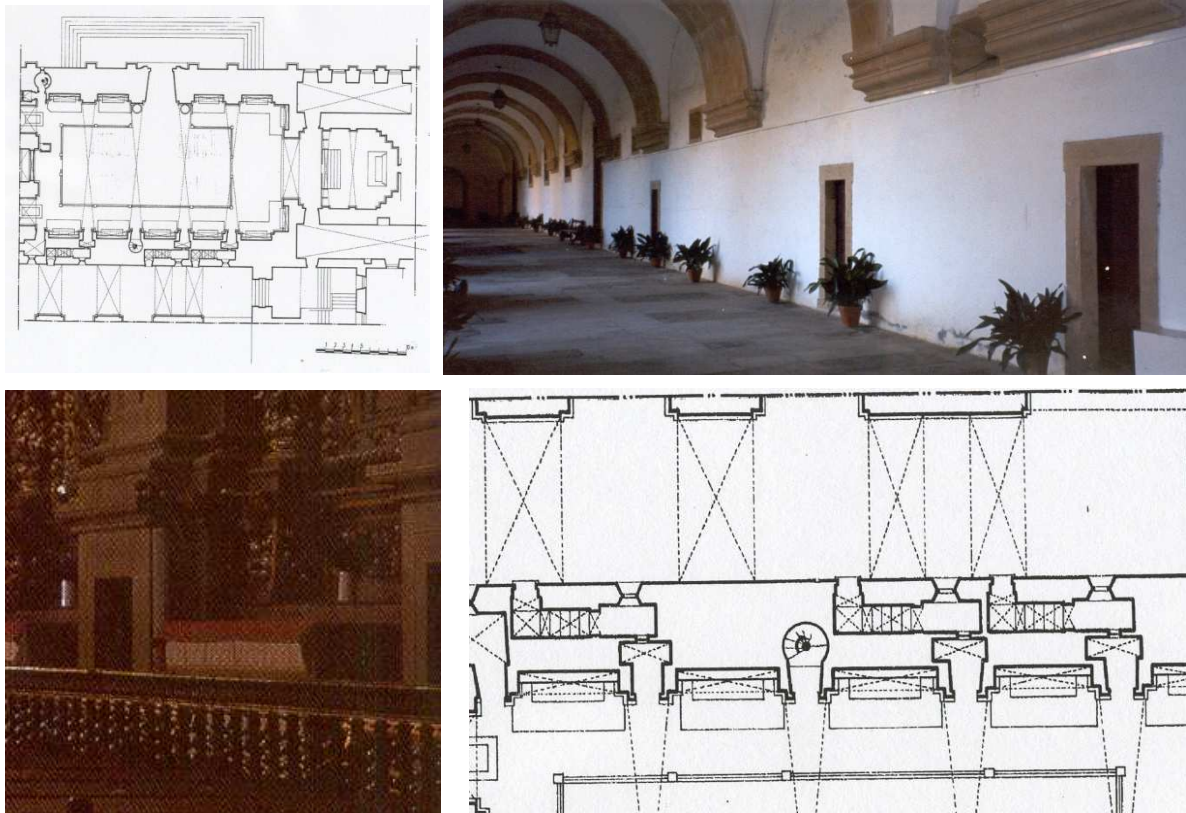
Os confessionários tomam um lugar de destaque nos mosteiros femininos, uma vez que surgem como uma necessidade específica, destas comunidades.

A confissão fazia-se através de uma unidade com dois espaços separados por uma grade. O pároco ficava na igreja, ou num compartimento exterior á clausura, enquanto a freira permanecia do lado da clausura.

A parede que separa a igreja do claustro, adquire uma espessura, suficiente para permitir que entre as suas duas faces sejam distribuídos uma série de espaços acessíveis do lado da igreja e do lado da clausura.

O confessionalário, é mais uma das soluções que a arquitetura encontrou, para resolver as imposições do género, espaços idealizados, por homens para responder á necessidade de confessar mulheres.

A estrutura espacial deriva aparentemente dos parlatórios, com a diferença de que nestes era necessário que a sua face exterior fosse a nave da igreja ou um espaço, ao qual pudesse aceder o sacerdote (sacristia ou confessionalário); e aos quais as freiras podiam aceder diretamente da clausura. As figuras 18 e 19 mostram os confessionalários do Mosteiro de Santa Clara a Nova em Coimbra, na espessura da parede que separa a nave da igreja dos fieis (exterior da clausura) do claustro (interior da clausura).



Confessionalários do Mosteiro de Santa Clara a Nova em Coimbra, na espessura da parede que separa a nave da igreja dos fiéis (exterior da clausura), do claustro (interior da clausura).

Figuras 36 e 37 – Planta DGEMN e vista dos confessionalários desde o claustro (interior da clausura).

Figuras 38 e 39 – Vista dos confessionalários da nave da Igreja e planta DGEMN correspondente (exterior).

Sacristia

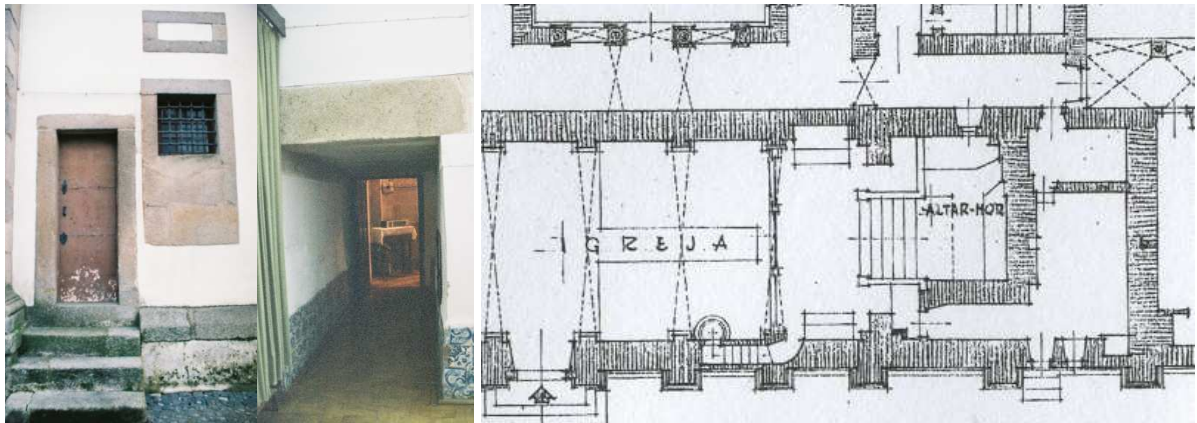
A sacristia, ao contrário do presbitério, do coro e da nave, não pertence á igreja, embora seja imprescindível, por ser através desta que os sacerdotes acedem á igreja.

Para facilitar o acesso ao altar, colocava-se usualmente junto á cabeceira da igreja, comunicando com o presbitério, o exterior e a clausura.

Este espaço adquiriu uma forma adequada á sua função, que se materializou numa câmara de transição entre o mundo de dentro e o mundo de fora, tal como a igreja, se bem que esta tivesse um caráter mais privado, por ser inacessível á comunidade laica.

A sacristia duplica-se também espacialmente, surgindo a sacristia de fora, acessível ao pároco e a sacristia de dentro, acessível às freiras, se bem que estas necessitam passar á igreja para a cuidar.

Mas esta duplicação não é específica da sacristia e muitas vezes nem acontece na sacristia, se bem que aparece noutros espaços fronteiros entre a clausura e o exterior, ou locais em contacto com o exterior, como nos confessionários e nos palratórios, dos quais se fala mais adiante, tanto das suas características espaciais como construtivas. Tornando-se por vezes difícil distinguir o espaço da sua construção, uma vez que em dados momentos a preocupação de estabelecer essas fronteiras, faz os elementos construtivos ganhar espessura, recorrendo-se á utilização da sua própria massa, criando-se bolsas de ar, passíveis de ser utilizadas, como chega a acontecer em nos confessionários.



Mosteiro de Santa Helena do Calvário de Évora.

Figura 40 - Vista da rua, da entrada na sacristia. Figura 41 - Passagem da sacristia para a clausura. Figura 42 - Planta do piso térreo do mosteiro (DGEMN).

Mirantes

Os mirantes fazem parte da identidade dos mosteiros femininos e surgem em relação á igreja, mais concretamente ao coro e em alguns casos por consequência, perto dos dormitórios, deixando adivinhar pelo exterior, algo da funcionalidade interna dos edifícios.

O mirante é o único elemento de leitura vertical que os mosteiros de clausura apresentam, que busca vistas do mundo de fora, ao mesmo tempo que assinala a posição urbana do mosteiro, sendo o corpo que mais se distinguia da massa construtiva do mosteiro.

Os mirantes davam às freiras em clausura a visão do exterior que de outra forma não podiam alcançar e por isso, por vezes eram utilizados para recreio ou para trabalhar.

Um reflexo arquitetónico da capacidade que as religiosas tinham de gerar um elemento que lhes permitia salvaguardar a sua segurança, interferindo na privacidade de todos, sem no entanto serem vistas, denunciando o poder das freiras, sobre a comunidade de fora.

O espaço que duplicam é o exterior, daí a aplicação de elementos construtivos de mediação, mas como estes não são suficientes para impedir uma separação efetiva, tem de ser levantados do chão, para que os de fora não consigam ver para dentro. Um espaço de transição entre os dois mundos, separados pela altura e pela presença de grades.

A sua predominância na imagem das cidades e a sua originalidade do ponto de vista da linguagem arquitetónica deixará marcas na arquitetura popular a partir do século XVII.





Mirantes dos Mosteiros de Santa Helena do Calvário de Évora (fig.43 e 44) e de Nossa Senhora da Assunção de Faro (figuras 45 e 46).

Portarias e parlatórios

As portarias dos mosteiros desempenhavam um papel fundamental, na mediação entre a comunidade em clausura e os seus esporádicos visitantes.

Algures na cerca do mosteiro, afastada, mas não longe da entrada da igreja, havia uma porta, que dava acesso á portaria, usualmente ladeada de uma ou mais rodas, ou dava acesso a um espaço de transição, que as tinha. Passada a porta da portaria, os visitantes acediam aos parlatórios, através dos quais conversavam com as religiosas em clausura.

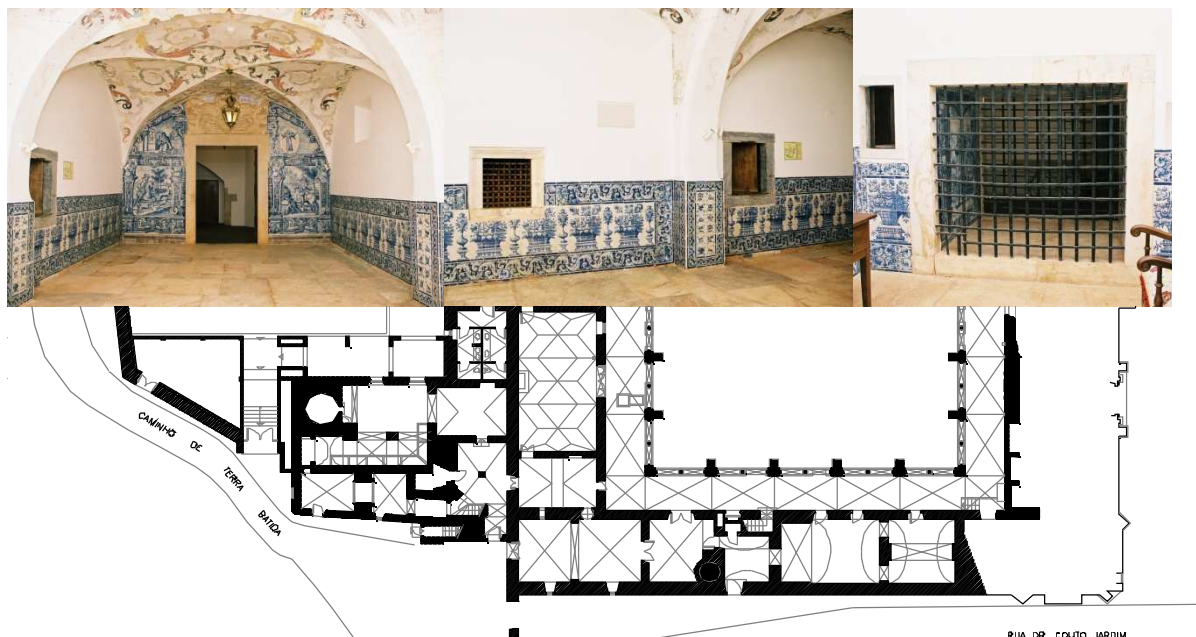
O espaço da portaria, comportava por vezes um pequeno pátio aberto, ou interior, que fazia a distribuição para um ou mais parlatórios, ou cujas paredes serviam de suporte á colocação de uma ou mais rodas, para passar pequenos objetos.

Estabelece-se uma hierarquia clara entre o acesso á igreja e o acesso ao mosteiro, propriamente dito, através da portaria.

Os parlatórios, nas imediações da portaria, eram espaços duplos, um espaço solidamente dividido em dois; um comunicante com a portaria e que dava acesso ao exterior do edifício e um outro com a clausura e pelo qual acediam as religiosas.

Para além de uma divisão material, que impedia qualquer contacto físico, entre a religiosa e o visitante, normalmente constituída por espessos muros com um vão gradeado por ambas as faces. Para passar pequenos objetos, embutidas nos muros de divisão entre os dois compartimentos do parlatório uma ou mais rodas.

Os parlatórios eram a única forma de contacto das religiosas, com a comunidade exterior, ainda que fortemente controlada.



Planta do Real Mosteiro das Chagas de Vila Viçosa.
 Figuras 47 a 49 - Pormenores da portaria e do locutório
 Figuras 50 – Planta de pormenor da portaria e das respetivas dependências (Arqui III).

Conclusão

A análise dos elementos de mediação – espaciais e construtivos – existentes nos Mosteiros femininos, ou seja nas clausuras, permite gerar uma síntese da sua essência arquitetónica; e por consequência registar as especificidades que os distinguem das casas religiosas masculinas.

Os pontos onde reside a sua diferença e originalidade encontram-se maioritariamente nos momentos de transição entre os dois mundos que separam; e os elementos que os compõem, materializam as tensões existentes entre estas duas realidades, a de “dentro” e a de “fora”.

Embora esta análise tenha sido aplicada aos Mosteiros das Clarissas em Portugal, que serviram de amostra ao estudo, do qual resultam estas conclusões, a regra é aplicável aos cenobios femininos de clausura de uma forma geral.

Ainda de referir que embora se designe vulgarmente uma casa religiosa feminina por convento, as casas das Clarissas, denominam-se mosteiros, pelo facto de nelas se cumprir a estrita clausura.

Referencias Bibliográficas

BRAUNFELS, Wolfgang (1975). *La Arquitectura Monacal en el Occidente*. Barcelona, Barral Editores.

BRUZELIUS, Caroline (1996) *Nuns in space: Strict enclosure and architecture of the Clarisses in the thirteenth Century*, in Peterson, I. (ed.), St Bonaventure NY: The Franciscan Institute, pp. 53-74.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain (1994). *Dicionário dos Símbolos*. Lisboa, Editorial Teorema.

DURNING, L; WRIGLEY, R, eds, (2000) *Gender and Architecture*. Chichester: John Wiley.

HILLS, Helen,(2003) *Architecture and the Politics of Gender in Early Modern Europe*. Univ. Manchester

NUNES, Lúgia (2009). *Arquitetura Monástica de Clarissas em Portugal*, Tese de dot. Univ. Corunha.